



# A CAPITAL

Director: FRANCISCO DE SOUSA TAVARES  
Director-adjunto: RODOLFO IRIARTE

PROPRIEDADE: E.P.N.C. - EMP. PUB. DOS JORNALS NOTÍCIAS E CAPITAL - R. JOAQ. ANT. AGUIAR, 66 - LISBOA-1 \* TEL. 688125/6/7 \* END. TELEG. ACAPITAL \* TELEX 12386

**“CATÁSTROFE  
CIENTÍFICA  
E UNIVERSITÁRIA”**

# FACULDADE DE CIÊNCIAS DESTRUÍDA PELO FOGO

- GRUPO DE EXTREMA-DIREITA REIVINDICA FOGO POSTO
- «A FACULDADE É UM BARRIL DE PÓLVORA» — segundo um relatório dos bombeiros feito há dois anos



UM violento incêndio destruiu quase completamente a Faculdade de Ciências de Lisboa, na Rua da Escola Politécnica. As duas horas da madrugada, a parte superior do edifício secular estava transformada numa verdadeira tocha. Os prejuízos são incalculáveis. Tudo aponta para a existência de fogo posto. Um dos primeiros alunos a chegar ao local afirmou-nos ter visto dois focos de incêndio nos pavilhões prefabricados montados na ala central do edifício. Entretanto, às 4 e 45 da madrugada, por telefonema feito para a agência Anop, um indivíduo que disse ser o «comandante Zebra» da C. O. D. E. C. O. — Comando da Defesa da Civilização Ocidental —, agrupamento de extrema-direita, reivin-

A Rua da Escola Politécnica foi estreita para os numerosos carros de bombeiros que combateram o incêndio na Faculdade de Ciências de Lisboa

(Continua na pág. central)

## ESPECIAL fim-de-semana

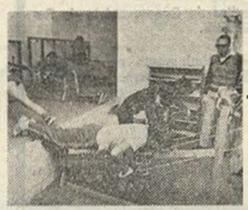
**FORÇAS DA N. A. T. O. ENTRE FICÇÃO E REALIDADE**  
(PÁGINAS 12 E 13)



**ACRÓPOLE EM PERIGO APÓS RESISTÊNCIA DE 2400 ANOS**  
(PÁGINAS 20 E 21)



**GRUPO 4 DESVENDA O CASO DA MÃOZINHA MISTERIOSA**  
(PÁGINA 19)



**SPORT ALGÉS E DAFUNDO TENTA ASSEGURAR FUTURO**  
(PÁGINAS 30 E 31)

**EM PORTUGAL  
COMO EM TODA A EUROPA  
CARROS USADOS  
COM A GARANTIA EUROCASION**

# INCÊNDIO NA FACULDADE TORNA PORTUGAL MAIS POBRE



Aspecto do que resta de um dos laboratórios de Física situado no primeiro andar do edifício sinistrado



O Presidente da República esteve no local do sinistro e ofereceu ali a colaboração das Forças Armadas



As traves carbonizadas da ala central assinalam e local onde teve origem o incêndio. Aqui funcionavam algumas salas de aula, em instalações prefabricadas

(Continuação da 1.ª página)

dicou para esta a autoria do incêndio. Muitos professores e alunos afirmaram-nos com as lágrimas nos olhos: «Este atentado é repugnante.» O incêndio foi atacado por cerca de 700 bombeiros e todo o material disponível na cidade de Lisboa e arredores. O Presidente da República esteve no local do sinistro, cerca das 2 horas, e ofereceu a colaboração das Forças Armadas. Também ali compareceram os ministros da Educação e Administração Interna, o governador civil e o presidente da Câmara de Lisboa.

Os esforços dos bombeiros concentraram-se na secção de Química, onde existem matérias altamente inflamáveis e radioactivas, tendo-se iniciado a evacuação de vários residentes nos prédios circundantes. Há cerca de dois anos, depois de um pequeno incêndio na secção de Mineralogia daquele estabelecimento de ensino superior, um relatório dos bombeiros acentuava que «a Faculdade de Ciências é um barril de pólvora».

Os três mil alunos que frequentam a faculdade não terão, decerto, hipótese de vencer este ano lectivo, dado isso ser humanamente impossível, ainda que se consiga um novo local que reúna as condições técnicas mínimas de funcionamento. Os trabalhos de rescaldo prolongaram-se até ao fim da manhã de hoje.

As chamas devoraram várias e ricas colecções de material de investigação, de estudos, livros raros, ficheiros, teses e peças únicas, fruto de vários anos de trabalho de professores e alunos. Ficou totalmente destruído o Museu de História Natural, considerado o mais bem apetrechado do mundo, dadas as espécies raras que ali se encontravam.

Há igualmente a registar a perda do Instituto de Geofísica, secções de Zoologia, incluindo a biblioteca, e Mineralogia. Embora com danos graves, os bombeiros conseguiram salvar a secção de Química, parte da de Física, biblioteca geral, secretaria e alguns arquivos. «Não há dinheiro que pague as colecções de alguns departamentos da faculdade», declararam professores e alunos.

«Fomos nós que lançamos fogo à faculdade por meio de um sistema deflagrador, com comando à distância, utilizando para isso uma mistura de açúcar, ácido sulfúrico e clorato de potássio», disse à Anop o desconhecido que se intitulou «comandante» da Co-deco.

quantidades de álcool e formol. Os bombeiros começaram a sentir dificuldades com a falta de pressão da água nas bocas de incêndio montadas no interior da faculdade. Este problema foi parcialmente resolvido com a ligação das mangueiras no exterior do edifício.

Por outro lado, alguns carros dos bombeiros não conseguiram penetrar nos terrenos que ladeiam a Faculdade de Ciências de Lisboa, visto os portões serem demasiado estreitos. Também as obras dos arruamentos interiores, que se arrastam há meses, dificultaram a acção dos bombeiros.

Logo de início, o incêndio levantou suspeitas. De facto, o comandante dos bombeiros que dirigiu as operações disse que, embora não pudesse precisar as causas do incêndio, achava «tudo muito estranho». Assinalou depois a inexistência de um dispositivo de prevenção contra incêndios.

Recorda-se que depois da séria advertência dos bombeiros, há cerca de dois anos, apenas foram montados alguns extintores e bocas de incêndio. Curiosamente, havia já verba para a instalação do sistema de prevenção contra incêndios, mas a sua montagem não foi accionada.

Alunos e professores salvam material

Durante o combate às chamas, compareceram na Rua da Escola numerosos alunos e professores, além de centenas de populares. A atitude de indignação era unânime. «Muitos professores e alunos prestaram uma colaboração preciosa pois conheciam a casa por dentro. Tivemos dificuldades em impedir a sua entrada em locais já lambidos pelas chamas», afirmaram-nos um bombeiro da corporação de Campo de Ourique. Na verdade, a acção decidida dos referidos alunos e pro-

fessores permitiu salvar algum do valioso material especialmente das secções de Geofísica e Botânica. «Conseguimos salvar o microscópio electrónico», disse-nos Hélio Pereira, um aluno da faculdade.

Filomena Dinis, naturalista, uma das responsáveis pelo Museu de Mineralogia e Geologia, desesperada, não se convencia de que não podia entrar nas salas do museu da Faculdade, para recuperar a sua tese de doutoramento, produto do trabalho de uma dúzia de anos e que constituem todo o seu património profissional.

Vários alunos tentaram impedir esse intento, porquanto os tectos do primeiro piso para o rés-do-chão, numa das salas interiores, já começavam a estalar.

Cerca das 2 horas e 30 minutos, a zona atingida pelo fogo havia ganhado já uma extensão, na horizontal, de mais de 100 metros, com tendência para aumentar. De mistura com as chamas, erguiam-se colunas espessas de fumo, aqui e além entremeadas com bolas de fogo, que riscam sinistramente o ar, detonando. Tratava-se, naturalmente, de caixas, frascos e outros vasilhames contendo produtos químicos, guardados nos laboratórios, os quais, sob a acção do calor desenvolvido, explodiram em várias direcções. Havia pois, o receio justificado de que algumas dessas bolas de fogo, atingissem as casas das vizinhanças, a maioria delas velhos edifícios.

«Catástrofe científica e universitária»

O ministro Sottomayor Cardia considerou o incêndio da Faculdade de Ciências como uma «catástrofe científica e universitária», cujos prejuízos são irreparáveis, nomeadamente no que respeita ao Museu Bocage (de Zoologia).

Sobre as possibilidades de transferência da Faculdade de Ciências para outro local, o ministro disse não ser ela possível, para já, dada a complexidade do funcionamento da maioria das salas.

Acrescentou que o assunto não se pode resolver em questões de dias ou mesmo de semanas.

Por outro lado, um professor da Faculdade acentuou que é humanamente impossível, por muitos anos que tal se tente, voltar a construir qualquer coisa de semelhante ao que foi destruído pelas chamas. Referia-se, nomeadamente, a preparações microscópicas, colecções de animais de todas as espécies, desde os de pequeno porte até à baleia, a documentos inéditos de pesquisa, gravuras únicas no mundo e arquivos de material de licenciados que estavam a preparar o seu doutoramento.

Até a preciosa biblioteca se perdeu totalmente, com excepção de escassos volumes que os alunos vinham retirando desde há algum tempo, mudando-os para outro local da Faculdade.

Uma tragédia «mais do que previsível»

A presidente do Conselho Científico da Faculdade, prof. Marieta da Silveira, declarou à Anop que era mais que previsível que um dia o edifício viesse a ser destruído por um incêndio. Recordou, a propósito, que há uns três anos, quando os bombeiros passavam, por acaso, de frente da Faculdade, vindo do ataque a um fogo na Rua do Salitre, haviam detectado chamas nas janelas do rés-do-chão da sala do museu de Mineralogia. Então, o fogo, que teria começado há cerca de cinco ou dez minutos, foi facilmente debelado.

Face a esse facto, o comandante dos bombeiros advertira os responsáveis do perigo que oferecia não ter o edifício condições de segurança para casos de incêndio, tendo sido salientado que, na eventualidade de um fogo de incêndio não ser atacado de imediato, meia hora bastaria para que todo o edifício fosse devorado pelas chamas.

Este parecer, posto em relatório, foi apresentado ao ministro de então, que se manifestou muito inquieto com a situação, mas que não tomou quaisquer providências. A partir daí, várias comissões de professores insistiram junto das autoridades para que fossem estabelecidas as necessárias condições de segurança para todo o edifício.

A dr.ª Marieta da Silveira, que fez parte de algumas des-

as comissões, contou que, ao ter conhecimento do incêndio, se dirigiu imediatamente para o local, a fim de avisar do grave perigo a que estava exposta toda a área circunvizinha se as chamas atingissem o laboratório de Química, o que, felizmente, não veio a acontecer.

Trata-se de uma peritagem informal, a cargo de um chefe do B.S.B., acrescentou Teixeira Coelho. O comandante afirmou, ainda, ser difícil verificar se houve ou não fogo posto. Mas — sublinhou — far-se-ão as tentativas possíveis para determinar as causas do incêndio.

A hora do fecho desta edição soboumos que durante o combate ao incêndio, os bombeiros Evaristo dos Santos, Mário Agostinho Silva, José Coelho Martins e António Pires Antunes, sofreram queimaduras ligeiras, das quais vieram a ser tratados no Hospital de São José.

Edifício secular

O edifício onde funcionava a Faculdade de Ciências data de antes do terramoto de 1755. Foi reconstruído depois deste, sob a supervisão do Marquês de Pombal.

Alli funcionou o Colégio dos Nobres até ao advento da República, dando origem, a partir de então, à Escola Politécnica, como o testemunha o nome da rua onde se erguia.

## CARTÓRIO NOTARIAL DA MOITA CERTIDÃO

Certifico que, por escritura lavrada em nove de mês corrente, no livro de notas para escrituras diversas número A-351, fls 56 v.º, deste Cartório, os sócios Maria do Carmo Conceição dos Santos Vila Nova, José António dos Santos Fradinho, Mário Vila Nova Matias, José Gonçalves da Cruz, Vítor Manuel da Torre Teixeira, João António dos Santos Vales e Luís Mendes Coelho, aumentaram o capital social e alteraram os artigos que regem a sociedade comercial por quotas Mottler — Serralharia Civil da Moita, Limitada, com sede na Avenida Marginal — Moita, aos quais foi dada a seguinte relação:

ARTIGO SEGUNDO: O capital social é de UM MILHÃO E DUZENTOS MIL ESCUDOS, integralmente realizado em dinheiro e dividido nas seguintes quotas:

- a) Uma de quatrocentos e vinte e cinco mil escudos, de José António dos Santos Fradinho;
- b) Uma de cinquenta mil escudos, de Maria do Carmo Conceição dos Santos Vila Nova;
- c) Três de cem mil escudos cada, pertencendo uma a Vítor Manuel da Torre Teixeira, outra a José Gonçalves da Cruz e outra a João António dos Santos Vales;
- d) Uma de cinquenta mil escudos, de Luís Mendes Coelho;
- e) Uma de trezentos e setenta e cinco mil escudos, de Mário Vila Nova Matias.

ARTIGO TERCEIRO: A cessão de quotas, parcial ou total, entre sócios é livre. Na cessão a estranhos a sociedade em primeiro lugar e os sócios em segundo gozam do direito de preferência. Se mais de um quiser preferir

será a quota dividida na proporção das que então tiverem.

PARAGRAFO PRIMEIRO: O sócio que pretender ceder a sua quota deverá avisar a sociedade e os outros sócios por carta registada com aviso de recepção indicando a pessoa do cessionário, o preço pretendido e as restantes condições do contrato.

PARAGRAFO SEGUNDO: A sociedade e os sócios deverão responder no prazo de trinta dias a contar da data de registo da comunicação, se desejam ou não preferir, entendendo-se na falta de resposta que não querem usar o direito de preferência.

ARTIGO QUINTO: A sociedade obriga-se com a assinatura conjunta de dois gerentes, bastando em actos de mero expediente a assinatura de um só. São desde já nomeados gerentes, dispensados de caução, os sócios José António dos Santos Fradinho e Mário Vila Nova Matias.

PARAGRAFO UNICO: Os gerentes poderão delegar no todo ou em parte os seus poderes, mediante procuração.

ARTIGO DÉCIMO: No caso de morte de algum sócio os herdeiros e meirinho do falecido devem nomear um entre eles que a todos represente, encartando a quota se mantiver indivisa.

ARTIGO DÉCIMO PRIMEIRO: A sociedade poderá adquirir quotas próprias e terá o direito de proceder à amortização de quotas que hajam sido objecto de penhora. A amortização far-se-á pelo valor do último balanço.

Em nove de Março de mil novecentos e setenta e oito.

A Ajudante Heliavel